

DISPERSAR SABERES: INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO DE DESENHO NO ATELIER DO NÚCLEO DE ARTE E CULTURA DA UFRN

Ícaro Pereira da Silva / IESC-RN

Artur Luiz de Souza Maciel / CEEAV PPGARTES/EBA/UFGM

RESUMO

Este trabalho apresenta parte das pesquisas sobre a prática docente no espaço do Atelier de Artes do Núcleo de Arte e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atravessado por diversos sujeitos e práxis, o Atelier, é um espaço privilegiado para o Estágio Curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, aonde o aluno pode experienciar e dispersar os saberes partilhados no curso de graduação. O atelier permite que o aluno planeje, execute e avalie atividades em diversas linguagens. Para este trabalho, será investigada a prática do ensino de desenho e como a prática do docente, em um espaço não formal, a participação dos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. Partindo da caracterização do espaço, passa-se a um breve histórico sobre o Atelier e como as aulas e planejamentos são realizados no decorrer das aulas.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino; Desenho; NAC/UFRN.

O componente curricular de Artes Visuais está presente no currículo das escolas e os modelos de ensino mudam em cada espaço. O incentivo à produção e, especificamente, ao ato de desenhar é uma das atividades que devem ser estimuladas, tendo em vista que nem todas as crianças recebem esse estímulo previamente. Na escola, também podemos observar que professores preconizam aulas teóricas, por inúmeros motivos, desde a compra de materiais a quantidade de alunos por turma, acabam desestimulando algumas práxis por parte do professor. A consequência disso é que muitas desistem de desenhar, ao completarem o Ensino Fundamental ou ao adentrarem o Ensino Médio. Além da falta de estímulos, uma série de fatores contribui para que a criança/adolescente pare de desenhar, por exemplo, as constantes comparações com desenhos alheios, com padrões e valores estéticos preestabelecidos ou didáticas pouco atrativas para a exploração do desenho.

Outro fator que influencia o ensino de desenho é a adoção, na sala de aula, de um planejamento que não permite flexibilizações, adequações ou construções coletivas dessas práxis, tendo em vista o caráter organizacional e político das instituições. Derdyk (1989) argumenta que:

Os sistemas educacionais, por força das circunstâncias, estão voltados para a educação técnica e profissionalizante. Esta postura inibe o ato perceptivo, condicionando-o a uma visão temporal e histórica. (DERDYK, 1989, p. 18).

A consequência disso, posteriormente, é a desistência dos adultos na habilidade de desenhar, o que gera frustrações, arrependimentos e anseios em desenvolver essa habilidade. Inserida nessa realidade, os espaços não formais de ensino de desenho oferecem uma alternativa para as pessoas que não desenvolveram a habilidade de desenhar durante a infância/adolescência, mas que, por conta própria, querem retomar a práxis do desenho em suas vidas.

Para suprir essa demanda por escolas de desenho, as instituições formais oferecem cursos de extensão abertos à comunidade na modalidade não formal, onde são criadas oportunidades para qualquer pessoa buscar, de forma autônoma, o fazer. Logo, essa prática cria pontes que conectam os espaços à vontade de aprender dessas pessoas. Dessa maneira, Gohn descreve a educação não formal como

[...] um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. [...] O aprendizado gerado e compartilhado na educação não formal não é espontâneo porque os processos que o produzem têm intencionalidade e propostas. (GOHN, 2014, p.40).

Diferentemente da educação formal, que é desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados e, também da educação informal, na qual os indivíduos aprendem durante um processo de socialização em espaços familiares e públicos, a educação não formal conduz em si uma intencionalidade na ação: os indivíduos que buscam a educação não formal são dotados de uma vontade, tomam a decisão de realizá-la e buscam os caminhos e procedimentos para tal (GOHN, 2014). Essa intencionalidade é o que motiva as pessoas a procurarem o curso de desenho e contribuem para direcionar possíveis planejamentos do professor em relação à pesquisa e ao ensino para suas ações.

O Atelier possui uma enorme importância neste contexto de educação não formal, embora esteja localizado nas dependências de uma instituição formal de ensino. Ou seja, as vagas de todos os cursos do Atelier de Artes, do Núcleo de Arte e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NAC-UFRN) são abertas a todos os públicos, sejam de dentro ou de fora da UFRN.

Apesar do Atelier ter sido criado para ensinar as pessoas que querem aprender diversas linguagens, o espaço também favorece aqueles que procuram cursos para praticar o desenho. Um dos objetivos do Atelier como um espaço não formal de ensino de desenho, é proporcionar ao alunado a oportunidade de constatarem que são capazes de desenhar, o que acarreta em uma investigação sobre referências estéticas, a busca por uma identidade própria no desenho e o descobrimento do potencial de cada um.

O Atelier de Artes do NAC/UFRN e o espaço não formal

O Atelier de Artes do Núcleo de Cultura e Artes da UFRN foi fundado em 1976. Segundo a ex-professora do Atelier de Artes, Carmelita Ferreira de Souza, que se aposentou no ano 2000, em uma entrevista concedida, o Atelier surgiu a partir da necessidade de haver um espaço adequado para o ensino de artes dentro da Universidade, onde os graduandos do curso recém-criado de Educação Artística pudessem estagiar. Essa função do atelier continua até hoje e todo semestre, graduandos em Licenciatura em Artes Visuais procuram o atelier para cumprir a carga horária de estágio obrigatório.

Desde a criação do Atelier em 1976, esse espaço não formal de ensino de artes visuais oferta o Curso de Desenho, além dos outros cursos de pintura para adultos e crianças. Dessa maneira, o Atelier de Artes do NAC/UFRN disponibiliza semestralmente um edital para preenchimento de vagas dos cursos e nele constam informações importantes, por exemplo, os objetivos do Atelier, processo de matrículas, caracterização dos cursos ofertados e materiais utilizados em cada curso. O quadro de professores e assistentes é composto por estudantes de graduação que estão em fase final de formação do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade, assim como estagiários dos componentes curriculares obrigatórios de Estágio em Artes Visuais. O Atelier de Artes tem um importante papel na prática docente em Artes Visuais na cidade de Natal e no fomento do fazer artístico.

O Atelier é considerado como um espaço de experimentação artística, onde as ideias fluem desembaraçadamente entre os participantes. Desta forma, como complemento, Facco contribui

[...] o atelier - seja ele um espaço concreto ou idealizado como pensamento - constitui um espaço privilegiado, onde se evidenciam as intrincadas relações entre processo criativo, produto acabado, modos de exibição das obras e identidade do artista. (FACCO, 2017, p. 225).

Por ser um espaço público, o Atelier é frequentado por diferentes pessoas, com diversidade de ideias, posturas políticas e condições econômicas.

Em qualquer outro local, essa concentração de indivíduos tão singulares poderia gerar conflitos, porém, no Atelier, a harmonia e respeito prevalecem, provavelmente, devido ao fato de todos possuírem um interesse em comum, que é a vontade de aprender a desenhar. E esse interesse em comum é o que possibilita a constante troca de conhecimento sobre o desenho, entre professor e alunos, nesse espaço de ensino, além de propiciar aos frequentadores o crescimento pessoal, intelectual e artístico. Assim, segundo Gohn (2017),

[...] refletir sobre o espaço/tempo do atelier é também refletir sobre o espaço da Arte[...]. Podemos então propor que os ateliers coletivos têm apresentado boas possibilidades de trocas para os artistas, assim como experimentações significativas para esse lugar de fluxo de forças. (GOHN, 2017, p.225).

O Atelier proporciona maior liberdade aos professores para elaboração dos planos de aula, sem a obrigatoriedade em seguir normas e diretrizes que instituições formais de ensino normalmente possuem. Seguindo esse raciocínio, Gohn argumenta:

A educação não formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadores de titularidades. Difere da educação formal porque essa última possui uma legislação nacional que normatiza critérios e procedimentos específicos. A educação não formal lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, dada pelo fato de não ter um currículo definido a priori, quer quanto aos conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas. (GOHN, 2014, p. 47).

Durante o curso de Introdução ao Desenho Artístico, é criado um espaço de diálogo direto com os alunos sobre o processo de ensino e aprendizagem e, ao mesmo tempo, possibilita ao professor uma ampliação de seu processo de autorreflexão.

Na etapa de elaboração do curso, o planejamento é o que vai possibilitar a criação de fronteiras entre os conteúdos. Por exemplo, alguns fundamentos, que são alicerces do desenho de observação (técnicas básicas com grafite, luz e sombra, textura, perspectiva e composição) que podem dialogar entre si. Mesmo que cada conteúdo seja abordado isoladamente nas aulas, no ato de desenhar eles possuem uma relação de interdependência. Por exemplo, a perspectiva vai apontar, ao desenhar, como podemos utilizar a textura; o sombreamento numa superfície qualquer, assim como a textura e sombreamento dependem do manuseio do grafite. O processo de planejamento das aulas exigiu uma contínua pesquisa que se desdobrou no decorrer da ação docente. Entretanto, quando fomos para a prática, mesmo que seguissemos o plano, sempre havia trecho do planejamento que deviam ser revistos e discutidos. Ao passar da teoria à prática, foram necessárias tomadas de decisões que causaram tênues mudanças nos planos originais. Em algumas situações, os planos precisaram ser adaptados para atender às necessidades específicas das turmas ou às mudanças na carga horária do curso.

O fato de ter o hábito de desenhar facilitou o processo de pesquisa/ação, afinal essa vivência nas artes só contribuiu para as aulas. Esses planejamentos foram feitos em conjunto, com o auxílio de outros estagiários, Ana Rita Morim, do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRN, que escolheu o Atelier como espaço para a prática de estágio do componente curricular Estágio Curricular Obrigatório em Artes Visuais III, no período de março a junho de 2018. Tal participação aconteceu devido a norma do próprio Estágio Curricular em Artes Visuais, que exige que o estagiário planeje, juntamente com o professor, alguns planos de aula do curso. Logo, essa ação em conjunto favorece bastante a estruturação das aulas, pois a estagiária ofereceu novas ideias que me auxiliaram durante o planejamento do curso de desenho.

O ensino do desenho em espaços não formais, a plasticidade da didática contribuiu para melhor entender/atender às necessidades de cada aluno. Para isto, a experiência como artista, desenhista, se faz necessária para o momento do compartilhar saberes. O ensino de desenho é melhor aproveitado pelo alunado se ele for compartilhado para solucionar e superar as dificuldades de cada sujeito.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o Desenho**: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **Ensino da arte e do design no Brasil**: unidos antes do Modernismo. Revista Digital do LAV, Santa Maria, vol. 8, n. 2, p. 143-159.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

FACCO, Marta L. Carginin. **Reflexões sobre o ateliê como lugar/espço em processos de criação em Artes Visuais**. Revista Digital do LAV, Santa Maria, vol. 10, n. 2, p. 213-227. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/download/26890/pdf> . Acesso em maio 2017.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Revista Investigar em Educação**, São Paulo, n. 1, II Série, p. 35-50, 2014.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos Espaços Não Formais de Educação para a Formação da Cultura Científica Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, 2008.

Ícaro Pereira da Silva

Artista visual e professor de artes. Licenciado em Artes Visuais (UFRN). Foi Bolsista do Projeto de Extensão de Ensino de Artes Plásticas no Ateliê de Artes, do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN (NAC/UFRN). Atua como professor de Artes no Colégio Instituto Educacional de Santa Cruz – IESC-RN, na cidade de Santa Cruz/RN; Professor de Desenho e Pintura para crianças na Quadrinhos Estúdio e Escola de Artes, em Natal/RN. Contato: icarosilva9023@gmail.com

Artur Luiz de Souza Maciel

Mestre em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE); Licenciado em Artes Visuais (UFRN) com período sanduíche na FBAUP (Portugal); Tecnólogo em Produção da Construção Civil (CEFET-RN). Atuou como Professor de Arte na SEEC/RN; Professor Substituto no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRN nas áreas de Expressão Visual, Desenho e Gravura. Atualmente trabalha como Professor de Arte SME Vespasiano-MG; Professor Formador 2 no CEEAV PPGARTES/EBA/UFMG. Contato: artursouzasete@gmail.com